

ACHILLES VIVACQUA: VIDA E OBRA

Achilles Vivacqua: life and oeuvre

*Juliana Cristina de Carvalho**

RESUMO: Este artigo trata de um projeto de inventariação e organização de fundos de escritor, que resultou do recebimento da doação, no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, de documentos de Achilles Vivacqua. A partir da análise dos documentos, descobriu-se o escritor, sua escrita e a contribuição de sua arte para o cenário literário mineiro. O aparato teórico utilizado se baseou em obras teórico-críticas sobre o modernismo e a literatura produzida em Minas, fortuna crítica sobre o autor, e estudos sobre a arquivística de estudiosos como Haydée Coelho, Reinaldo Marques e outros que refletem sobre pesquisas em fontes primárias. Por meio das escavações, constatamos que Vivacqua teve, em sua época, relevância para o cenário cultural do Brasil, tendo participado do movimento modernista mineiro. Outra conclusão a que chegamos é que muito se pode apreender sobre um escritor e seu projeto literário, o que reforça o valor da pesquisa em arquivos.

Palavras-chave: Arquivo; Minas Gerais; Modernismo; Literatura; Achilles Vivacqua.

ABSTRACT: *This article is about a writer's inventorying and funds organization project which was a result of the receiving of donation in the "Acervo de Escritores Mineiros da UFMG" of Achilles Vivacqua's documents. Through the analysis of the documents we were able to discover the writer, his writing and the contributions of his art to the "mineiro's" literary scenario. The theoretical apparatus used was based on theoretical-critical works about the Modernism and the literature produced in Minas, critical fortune about the author, and studies about the archival done by researchers such as Haydée Coelho, Reinaldo Marques, besides other works that deal with primary sources. Through the digging we realized that Vivacqua had relevance to the Brazilian cultural scenario of his time, having participated in the "mineiro's" modernist movement. Another conclusion we reached is that much can be learned of a writer and his literary project which reinforces the value of research in archives.*

Keywords: *File; Minas Gerais; Modernism; Literature; Achilles Vivacqua.*

* Mestre em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- PUC Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; julianacristinacarvalho@yahoo.com.br

Sob as palmeiras do meu paiz

meu pensamento
 busca
 sonhos
 como passos de
 namorados nas calçadas...
 O sol do meu paiz tem os
 longos cabelos de ouro...¹

No salão todo luz chega o perfume
 das roseiras da Praça. Burburinho.
 Aqui, a se sorrirem, vejo os máximos
 escritores da nova geração.
 São jornalistas esta noite. A bela Angelica,
 a suave Edelmira, a grácil Mariquinha.²

Introdução

Pretendo expor aqui um dos projetos desenvolvidos pelo Acervo de Escritores Mineiros da UFMG³ (AEM), intitulado *Projeto Inventário de Achilles Vivacqua - Coleção Especial do Acervo de Escritores Mineiros*, do qual fiz parte inicialmente como bolsista de Iniciação Científica, sob orientação da professora Constância Lima Duarte, e posteriormente, dando continuidade à pesquisa, como bolsista de Apoio Técnico, sob orientação da professora Eneida Maria de Souza. Desejo, ainda, realizar uma breve apresentação do poeta Achilles Vivacqua e sua produção literária, que me despertou a ponto de se tornar tema da minha dissertação de Mestrado.

O AEM constitui um importante espaço de investigação em arquivos literários e em pesquisa com fontes primárias. Foi, sem dúvida, fundamental para a escolha do objeto de pesquisa do presente trabalho, assim como para sua execução. Como bolsista do CNPq e, depois, de Apoio Técnico, atuando no registro, na catalogação e na inventariação dos fundos de Achilles Vivacqua (assim como de outros titulares), pude ter contato direto com a coleção do escritor, o que despertou interesse para pesquisa.

¹ O trecho citado está presente no poema “Indiferença”, de Achilles Vivacqua, dedicado a Oswald de Andrade, publicado na revista *Para Todos*, em 21 de maio de 1927. Optamos por respeitar a grafia e estrutura tal como no original, nesse poema e em todos os outros que citamos no presente.

² ANDRADE, C. D. de. *Jornal Falado do Salão Vivacqua*. In: ANDRADE, C. D. de. *Esquecer para lembrar*: Boitempo III. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

³ Localizado no 3º andar da Biblioteca Central do Campus da UFMG- Pampulha.

Como observa (MARQUES, 2003, p. 141-156), ao analisarmos os arquivos ou coleções da mencionada instituição, podemos perceber que há um zelo para guardar papéis e recortes de jornais, arquivar e dispor originais manuscritos ou datiloscritos e correspondências (cartas, bilhetes, cartões postais, telegramas), ao guardar fotografias, compor bibliotecas, preservar objetos pessoais e também colecionar revistas, suplementos literários, obras de artes, entre outros. Ainda segundo o autor, um escritor, ao arquivar correspondências de amigos e de críticos que se dedicaram a seus textos, conserva uma fonte rica e inesgotável de paratextos que nos auxiliam na compreensão da produção e da recepção de sua obra.

Outra questão levantada por ele é que, no método de arquivamento do escritor, está presente uma visível intenção autobiográfica, voltada, em especial, para os aspectos intelectuais e culturais de sua trajetória de vida. O pesquisador prossegue sua reflexão afirmando que:

Ao recorrer a múltiplas e incessantes práticas de arquivo, ele [o escritor] parece manifestar o desejo de distanciar-se de si mesmo, tornando-se um personagem – o autor. O que permite compor outra imagem de si, neutralizando de certa maneira o eu biográfico, sua precariedade e imprevisibilidade. Arquivando, o escritor deseja escrever o livro da própria vida, da sua formação intelectual; quer testemunhar, se insurgir contra a ordem das coisas, afirmando o valor cultural dos arquivos. Mas como é impossível arquivar nossas vidas de uma vez por todas, e em sua totalidade, os arquivos apresentam um caráter lacunar, de inacabamento. Conservando seus papéis e documentos, funcionam como suplementos da memória e da obra do escritor. Com seu poder de rasurar, intervir, modificar e suplementar, afirmam o caráter também inacabado não somente de sua autobiografia, mas também da obra do escritor, problematizando a noção de texto último, definitivo.

Ao recorrer a práticas inúmeras de arquivamento de seus papéis, documentos e materiais, organizando-os e intencionando-os de certo modo, o escritor realiza uma segunda operação inerente à primeira: ele também se arquiva. Vale dizer, ele se desvencilha da natureza evanescente da experiência cotidiana, escapa do fluxo incessante e imprevisível do tempo presente; estanca-o, ao intervir e articular o seu passado. Torna o seu passado significativo, em termos de sua formação como escritor, ao selecionar e preservar certos detalhes, passagens, acontecimentos, atestados por um documento, um registro qualquer. Afirma-se como ausência no mundo visível, do presente, e como presença no mundo invisível, do passado. (MARQUES, 2003, p. 149-150).

Em “A biblioteca de Darcy Ribeiro, ‘espaço biográfico’ e a interlocução latinoamericana”, Haydée Ribeiro Coelho retoma o artigo “A biografia, um bem de arquivo”, em que Eneida Maria de Souza⁴ investiga a relação existente entre a crítica genética e a biografia, mostrando como essa abordagem permite ir além do estudo imanentista e o apagamento da figura do autor, que pode ser “flagrado pelos resíduos e pelos traços” (COELHO, 2010, p. 70). Segundo Souza, o rascunho da biografia intelectual surgiria do material presente nos acervos, tais como correspondências, depoimentos, iconografias, documentos pessoais, da biblioteca do titular, etc.

No período em que convivi no já mencionado Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), lidei de perto com arquivos literários e com o trabalho envolvido no processo de criação dos escritores. Durante algum tempo, participei da organização do arquivo de Achilles Vivacqua e desde o início estive envolvida no mundo particular do escritor. Retirei documentos de caixas, fotografias dos guardados, desembulhei quadros acondicionados em plásticos ou pastas.

Esse trabalho era composto de “escavação”, organização, elaboração de relatórios e registros. Os materiais chegaram ao Acervo em dezembro de 2006, quando a instituição recebeu a doação de seis caixas contendo documentos diversos e material biobibliográfico de Achilles Vivacqua. Três dessas caixas continham material relativo ao poeta. Nas demais, livros variados pertencentes à biblioteca de Eunice Vivacqua, sua irmã. Os autores da doação foram os filhos de Eunice, falecida em outubro de 2006, atendendo ao pedido que ela havia feito em vida. Foram dedicados doze meses à inventariação, catalogação e organização dos documentos que estavam nas caixas. Depois, foram divididos em quinze séries, como, por exemplo: Série Produção intelectual do titular, Série Salão Vivacqua, Série Bibliográfica, entre outras.

Após essa etapa, iniciou-se o processo de inventariação e catalogação. Feito isso, reunimos os documentos através das séries acima referidas e os depositamos no armário de arquivos. Além disso, fotografamos os documentos constantes de um álbum, organizado por Eunice Vivacqua, e os gravamos em CD. Após todos os processos legais, esta Coleção Especial já se encontra disponível para futuras pesquisas no AEM.

⁴ SOUZA, Eneida Maria de. A biografia, um bem de arquivo. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2008.

Durante o período desse trabalho, fui criando uma espécie de laço com aquele escritor, sua família e sua história. Passei a conhecer melhor cada fotografia, cada documento, cada objeto, e chamou-me particular atenção o cuidado com o qual Eunice Vivacqua organizou seu espólio. A reunião dos objetos demonstrou a dedicação de Eunice à memória de seu irmão e de sua família, assim como a enorme vontade de divulgar, mostrar a todos quem foi aquele homem tímido, sério, divertido, peculiar, intelectual, amante da natureza, dos animais e das crianças, engajado, delicado, doente, poeta, cronista, escritor, modernista mineiro que atendia pelo nome de Achilles Vivacqua. Assim fiz. Ou melhor, tenho feito. Em todas as oportunidades disponíveis, falo sobre este homem importante, mas que, devido ao seu falecimento prematuro, não se tornou conhecido; falo ainda sobre aquela numerosa família, a Vivacqua, que residiu em um enorme casarão conhecido na época como Salão Vivacqua, que recebeu Drummond, Pedro Nava e outros escritores, e deu à luz ao movimento modernista mineiro. Foi essa trajetória que me fez desenvolver um trabalho de pesquisa, no Mestrado, sobre Achilles.

1 Achilles Vivacqua: apresentando o escritor e o seu universo literário

Vamos ao que pode ser descoberto sobre o escritor e seu universo das letras. Em seu livro *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*, publicado em 1997, Eunice Vivacqua mergulha fundo em seu passado para recuperar preciosos momentos. Nesse percurso, recorda-se de seu irmão, falecido em 1942, e diz:

Lembro-me dele nos saraus, luz interior de todo aquele brilho que marcou indelevelmente os rumos culturais e políticos de Minas Gerais. Ainda o vejo, com seus olhos verdes profundos, penetrantes, o nariz afilado, seus cabelos castanho – claro (e anelados como os meus), seu perfil agressivo destacando-se no meio do burburinho; e escuto o eco de sua voz pausada e firme, na qual se mesclavam notas de sutil ironia. Laivos de humor que se confundiam com desprendidos gestos de solidariedade quando, por exemplo, Pedro Nava confessou seu receio e pena por ter de concluir o curso de Medicina: formado, não poderia mais “jogar uns dadinhos”. (VIVACQUA, 1997, p. 48-49).

Na década de 1920, Belo Horizonte atraía uma leva de escritores desejosos por um “lugar ao sol”⁵ nas letras da jovem capital. Achilles Vivacqua era um deles, e, ao lado de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, João Alphonsus, Pedro Nava, Aníbal Machado, Ascânio Lopes, entre outros, publicou dezenas de escritos. Mas, o escritor fez ainda mais ao transformar sua residência em um ponto de encontro da intelectualidade mineira. O Salão Vivacqua – como ficou conhecida – foi responsável por animados saraus litero-musicais que ficaram na lembrança de todos que deles participaram.

Tratando sobre o Salão Vivacqua, Eunice em sua obra expõe o depoimento de Rosa Alice Musa de Brito, filha de Baptista Santiago:

A família Vivacqua, anfitriã, em seu sobrado próximo à Praça da Liberdade, prazerosamente ampliou seu círculo de amizades, recebendo novos visitantes, intelectuais e artistas, trazidos pelos primeiros, que foram Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos e Baptista Santiago. Esses saraus – com ou sem jantar, vinho ou café (improvisados ou programados) – ficaram gravados por Drummond em seu poema moderno intitulado *Jornal Falado Salão Vivacqua*. Das lindas irmãs de Achilles, uma das mais novas, a Eunice Vivacqua, então apenas uma criança, foi a mais encantada com essas reuniões; registrou em suas memórias e em cartas a Drummond as notícias sobre os visitantes, à medida que os saraus foram ficando mais raros e os moços tomando novos afazeres... (VIVACQUA, 1997, p. 34-35).

O poeta nasceu no arraial do Rio Pardo, atualmente município de Muniz Freire, na época pertencente ao de Cachoeiro de Itapemerim, no estado do Espírito Santo, em 2 de janeiro de 1900 e faleceu em dezembro de 1942. Seus pais foram Antônio Vivacqua, italiano nascido em Castelluxo Superior, da província de Basilicata, da Baixa Itália, e Etelvina Vieira de Souza Monteiro Vivacqua, nascida na fazenda dos Palmeiras, município de Muniz Freire.

Realizou todo o estudo primário com professores particulares. Aos 14 anos, trabalhou como caixeiro nos armazéns de secos e molhados dos irmãos Vivacqua, em Castelo, no ES. Por motivos de saúde – contraiu tuberculose em 1920 – Achilles veio para Belo Horizonte para tratamento, acompanhado por sua irmã, Maria. Hospedaram-se no Hotel Avenida, em pensões e sanatórios. Um tempo depois, sua numerosa família

⁵ Termo usado por Maria Zilda Ferreira Cury em sua obra *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. v. 1.

mudou-se definitivamente para BH. Foi entre o sanatório Hugo Werneck e a casa de sua família, que se desenvolveu a vida literária de Achilles Vivacqua.

Em 1934, cursou a Escola Livre de Direito de Belo Horizonte. Passado um tempo, transferiu-se para a Academia de Direito de São Paulo, na qual se diplomou em 1937.

Assumindo o pseudônimo de Roberto Theodoro (e de Maria Thereza, em algumas de suas produções, conforme constatamos na pesquisa), o mencionado poeta entrou para o mundo literário em 1922. Teve participação ativa no movimento modernista desse período em Minas Gerais. Fez parte do grupo da revista *Verde*, de Cataguases, colaborando no seu primeiro número, em 1927, com o já mencionado pseudônimo, juntamente com os poetas Carlos Drummond de Andrade, Edmundo Lys, Ascânio Lopes, Emílio Moura, Martins de Oliveira, Guilhermino César, Camillo Soares, Henrique de Resende, Francisco Ignácio Peixoto, Martins Mendes, Oswaldo Abritta, entre outros.

A revista *Verde*, lançada no ano de 1927, período no qual ainda estava em efervescência o movimento de renovação estética, iniciado cinco anos antes em São Paulo, era uma revista literária cujo objetivo era formar, ao lado de outras revistas de tendência modernista, uma linha de frente na luta pela implementação e formação de novas estéticas, tendo o apoio de Mário de Andrade e Oswald de Andrade – que chegaram a escrever um poema saudando os “bravos rapazes de Cataguases”. Saíram apenas três números dessa revista, que foram suficientes para marcar bem sua presença.

Achilles Vivacqua praticou poesia, conto, novela, e também escreveu ensaios políticos, sociais e críticas, que foram publicados em revistas e jornais do país e do exterior. Participou de revistas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, tais como: *Verde*, *Leite Crioulo*, *Cidade Vergel* – revista de letras e artes, *Fon – Fon*, *Vida Doméstica*, *Ideia Ilustrada*, *Para Todos*, *Revista de Antropofagia*, entre outras. E de jornais em Minas Gerais: *Diário de Minas*, *Folha de Minas*, *Correio Mineiro*, *Estado de Minas*; no Espírito Santo: *O momento*, *Correio do Sul*, dentre outros.

Publicou apenas um livro em vida, constituído por seis poesias de autoria própria, em 4 de fevereiro de 1928, intitulado *Serenidade*. Chegou a organizar, conforme relatado em documentos por Eunice Vivacqua, outro livro que se chamaria *Bambu Imperial*, constituído de poemas manuscritos, que, ainda segundo declaração de sua irmã, encontra-se desaparecido. Nesse livro, constam os seguintes poemas: “As minhas três canções”, “Canção do Proletário do Morro”, “Canção da noite estrelada” e “Canção da espera”.

Produziu também inúmeros contos, alguns ainda inéditos, dos quais cito: “O homem do silêncio”, “Yokanaan” (inédito, baseado na lenda bíblica de João Batista), “Dançarina de macumba”, “Bailarina de macumba”, “Uma anedota dentro de um conto”, “O cuco”, “Morto vivo”, “Um conto banal”, “Mais além da morte”, “Velho portão”, “Preto”, entre outros; e alguns epigramas: “Felicidade”, “Tempo”, “Alegria”, “Ilusão”, “Bondade”, “Pureza”, “Contemplação”, “Dor”, “Silêncio”, “Sabedoria”, “Vida” e “Amor”; e também um ensaio intitulado “Nacionalismo”.

Na época em que foi publicado, *Serenidade* teve boa recepção crítica e resenhas foram publicadas aqui e também no exterior, como na França. Os poemas que o compõem são: “Arrabalde”, “Nocturno de Bello Horizonte” (dedicado a Delorizano Morais), “Frade de Sabugo” (dedicado a Abgard Renault), “Serenidade”, “Sentimental” (dedicado a Ribeiro Couto), e “Peregrino do sonho” (dedicado a Olegário Mariano). De maneira geral, eles revelam um olhar bucólico do poeta sobre a cidade de Belo Horizonte, seu encantamento pela paisagem mineira, pelas flores e ainda um forte saudosismo da infância. Nos poemas, ele discorre sobre como era a cidade e mostra certa tristeza perante as mudanças provocadas pela modernidade; algumas perdas, digamos assim.

Achilles possuía também admiração pelo povo afrodescendente e através de diversos textos trata de seus hábitos e suas histórias. Essa admiração do poeta está presente, por exemplo, em um poema intitulado “Bailarina de macumba”, ainda inédito, que aborda o ritual religioso de origem africana. O escritor explora, em cada estrofe, a

musicalidade, as crenças e a beleza negra. Em outro poema intitulado “Samba” também podemos perceber essa mesma admiração. Cito-o, em sua linguagem original⁶:

Samba

A fogueira nocturna é um tição queimando
um crepusculo artificial na noite de São João.

Nas mãos de aço, polidas,
todo enfeitado de fitas

- o pandeiro

redondo

correndo

estronda no ar...

[...]

Sob o cacaraxa rachado dos chocalhos
a cuica rouca,

puxa,

espicha

e

nos compassos tontos
os corpos suorentos
das mulatas dengosas,
em rapidos requebros
num bailado violento
entre mulatos bambos...

E o pandeiro

redondo

estronda no ar o samba

que embola,

rebola

numa bola

sobre a terra chata,

e corpos cheios de empôlhas quentes...

⁷.

Nesse poema, o autor inicia comparando a fogueira noturna a um “tição queimando”, “um crepúsculo artificial da noite de São João”. Aqui, Achilles Vivacqua constrói imagens que conseguem transmitir a ideia que ele tenta passar. Em seguida, ainda tratando sobre a citada fogueira e a noite de São João, evoca a figura do pandeiro todo enfeitado de fitas que corre pelas mãos dos que festejam e “estronda no ar”.

⁶ Na reprodução dos poemas de Achilles Vivacqua, tivemos o cuidado de manter a linguagem original característica da época de suas produções e a estrutura (a estética, diagramação) presente nas publicações.

⁷ AEM-UFGM, Coleção Especial Achilles Vivacqua, Série Produção Intelectual do Titular.

No poema em questão, encontramos a presença de elementos característicos da cultura negra: o pandeiro, a fogueira, a dança, os chocalhos e a música. Há também a presença da musicalidade, do ritmo, que é construída pelos versos, pela organização rítmica estabelecida pelo poeta por meio das rimas e da aliteração.

O tema central do poema em foco é o samba. Outro aspecto interessante a ser levantado é a associação frequente no poema do quente com o negro. Essa visão era lugar comum na época e também muito associada, desde sempre, com a imagem do negro, simbolizando calor, quente, trabalho, suor, sensualidade (mais aplicada às mulheres negras), entre outras marcas.

Como é possível perceber, há em “Samba” aspectos do modernismo. O poema apresenta-se tão “moderno” como outras produções presentes na época de sua publicação.

Em 1929, Achilles Vivacqua, juntamente a Guilhermino César e João Dornas Filhos, lançou um panfleto intitulado *leite crioulo*⁸. Este tratava sobre a questão do negro no país e fazia parte de um movimento de reforma do pensamento e da estética de grande repercussão em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo, que se filiou ao Movimento Antropofágico de Alcântara Machado e Oswald de Andrade. O primeiro número saiu em 13 de maio de 1929.

Apesar de sua grande importância, o mencionado panfleto apresentava certas “falhas”, como destaca o crítico Antônio Sérgio Bueno em sua obra *O Modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Bueno aponta a presença de uma “retórica crioulista” marcada por forte ambiguidade, “um jogo sutil de ocultamento/revelação de objetivos, cheio de armadilhas” (BUENO, 1982, p.18). Uma observação importante que o estudioso faz é a respeito do esquecimento a que foi relegado o suplemento *leite crioulo* – fato que o surpreende, tendo em vista o seu valor e a sua importância para o modernismo mineiro. Como possível complementação de tal afirmação, apontamos, aqui, a ausência de números da publicação nos pertences de Achilles Vivacqua. Durante o processo de registro e organização dos fundos do escritor, curiosamente não foi encontrado quase nenhum vestígio de *leite crioulo*, o que é de se estranhar, já que

⁸ Os idealizadores desse suplemento optaram pela grafia minúscula.

Achilles foi um dos seus idealizadores. O autor revela também que, ao contrário de outras publicações literárias, o primeiro número do panfleto não apresenta um programa, nem significações claras de seus objetivos, e a linguagem de seus principais idealizadores é marcada por forte ambiguidade.

Conforme Bueno; ainda explorando a mesma obra anteriormente mencionada do autor; João Dornas Filho, em ocasião de entrevista oferecida ao *Correio de Minas*, em julho de 1929, intitulada “O movimento Criôlo”, deparou-se com a seguinte pergunta: “Mas pelo primeiro número de *leite criôlo* não ficamos bem seguros de sua finalidade. Será blague?”. O escritor responde:

– Que esperança! Então três cavalheiros que pensam em matar Mussolini, morrer de fome na Irlanda ou virar tatu pro chão a dentro fazem blague? Queremos simplesmente, mas serenamente, consertar o Brasil. Isso está tudo errado. Homens e coisas. O que desejamos primeiro é acabar com os grandes homens. É o mal do país. Repara como isso está entulhado de notabilidades. [...] Quando o povo souber assinar o nome e ler a conta do padeiro e do alfaiate, iremos prová-lo [sic] que o Brasil é de fato um dos maiores países do mundo, mas deve o cabelo da cabeça, não tem indústria, não tem agricultura, não tem saúde, não tem pecuária e não tem coragem para nada. Quanto ao ouro da terra, contar-lhe que o tiquinho que tinha gavião carregou. (BUENO, 1982, p. 102).

Como observa Bueno, João Dornas Filho, em sua resposta, não define de maneira objetiva a finalidade do jornal. Segundo ele, o que podemos entender dela é simplesmente que o inimigo mais imediato dos “criolistas” era o bacharel e sua retórica. Derrotar esse inimigo seria a primeira ação para “consertar o Brasil”. Adiante, o crítico ressalta a ausência do negro (ou crioulo) nos argumentos do escritor.

Tratando sobre a ambiguidade característica dos textos do suplemento, (Bueno, 1982, p. 103) alega que ela atua “como um véu a impedir o acesso imediato do leitor ao projeto ideológico criolista”. Afirma também que os criolistas queriam que seu programa fosse tomando forma de acordo com a publicação dos textos. A hipótese delineada pelo pesquisador é a que os idealizadores de *leite criôlo* não tinham definido, com clareza, para eles próprios, um programa lógico de ação. Isso, por conseguinte, determinou uma instabilidade ideológica e a ambiguidade da linguagem.

Enfatizando a ideia já aqui exposta, o suplemento, como nos diz Bueno, “quebrou o silêncio em torno do negro” dentro do movimento modernista e adiantou vários elementos para “a reflexão que a inteligência nacional empreenderia, a partir de 1930, sobre a presença negra na vida e na cultura brasileira” (BUENO, 1982, p. 105).

Também com base nas afirmações e reflexões de Bueno, ainda que João Dornas acuse o racismo de *Gobineau* e de seus filhos naturais brasileiros, os textos de *leite crioulo* acabam reduplicando vários aspectos do pensamento racista. Dornas também afirma que o racismo do suplemento não espanta a nenhum leitor que tenha conhecimento sobre o cenário cultural da década de 1920 e saiba que a tradição intelectual arianizante “era ainda praticamente irresistível”, usando termos do crítico.

Discutindo sobre o racismo presente em *leite crioulo*, Bueno afirma que o suplemento não ignorou a situação de fato na década de 1920, nem indicou uma saída “humanista” que resolveria simplesmente o problema. Acrescenta que os criolistas, ao ressaltarem as diferenças, lutando pela “mudança de marca”, “exorcizando a ‘preguiça secular’”, a “tristeza banzativa”, a “submissão”, a “alma encachaçada” etc., sistematizaram argumentos que possibilitam apontar a visão ambígua que eles tinham do negro. Ambígua, de acordo com ele, na medida em que reproduziam estereótipos presentes nessa sociedade. Contudo, conforme ressalta e alerta, esperar uma postura diferente dos “criolistas”, em 1929, é não levar em conta a “consciência real” e a “consciência possível” naquele período histórico.

Como podemos perceber, o título “leite crioulo” traz em si um substantivo e um adjetivo que remetem à contribuição do elemento africano na nossa formação. Tratava-se de um jornal de combate ao que eles chamavam de “lado escuro” do nosso temperamento, ao “crioulismo brasileiro”, caracterizado pela “preguiça secular” do povo brasileiro. Na visão de Sérgio Bueno, “falhas” presentes em “leite crioulo”, retomando a ideia já apresentada, estariam no fato de esse não expor um projeto literário e ideológico definido, e de exibir um discurso marcado por pensamentos ambíguos e racistas; o que pode ser constatado pelo emprego dos termos citados: “lado escuro”, “crioulismo brasileiro” e “preguiça secular” – termos esses que eles queriam combater. O mencionado panfleto não apresentava preocupação comercial, nem anúncios. Era distribuído gratuitamente, sem dia certo de publicação, e contou com a colaboração de

Carlos Drummond de Andrade, Francisco Ignácio Peixoto, Murilo Mendes, Newton Braga, Cyro dos Anjos, Pedro Nava, Abgard Renault, entre outros.

Em outras produções, o escritor apresenta um lado ora sarcástico ora cômico, como no poema “O carro do rei”, e no conto “Uma anedota dentro de um conto”. E ainda, em outras produções, apresenta um tom de denúncia e de preocupação social.

O mencionado tom de sátira está presente no poema, conforme dissemos, “O carro do rei”. Cito-o na íntegra:

O carro do rei

O carro de ouro do Rei passou pela rua.
Eu estava na porta da minha casa.

O ar se encheu de poeira dourada,
quando passou o carro do Rei.

Eu fiquei silencioso
na porta da minha casa, olhando-o.

O povo correu para a rua,
aclamando o Rei que passava no seu carro de ouro.

Só depois de haver serenado
todo o alarido do povo,
foi que vi que o sol havia entrado pela minha sala...

Achilles Vivacqua⁹

No poema, a temática, em suma, gira em torno da passagem do carro de ouro de um “Rei” por uma rua e a repercussão de tal fato. Diante de tal imagem, o poeta assume a postura de um observador reflexivo, silencioso e, podemos acrescentar também, crítico. O que percebemos é que, mesmo sendo inusitado, tal acontecimento não provoca reação, não surpreende, não toca o poeta. Por sua vez, diante do ocorrido, o povo “correu para a rua,/ aclamando o Rei que passava no seu carro de ouro”.

Como nos diz o poeta, apenas depois de “haver serenado/ todo alarido do povo, /” é que ele percebeu que o sol havia entrado pela sua sala.

⁹ AEM-UFMG, Coleção Especial Achilles Vivacqua, Série Produção Intelectual do Titular.

Buscando tentar compreender, ou melhor, criar hipóteses de compreensão do poema de Achilles Vivacqua, chegamos a algumas reflexões. A nosso ver, é possível detectar como um dos assuntos implícitos e discutidos no texto o próprio fazer poético. Essa postura observadora, silenciosa, assumida pelo poeta pode, acreditamos, remeter à conduta de um escritor que observa o mundo e, depois, mostra-o por meio de sua literatura. É como se o poeta estivesse concentrado, em sua casa, à procura da “poesia”, da “inspiração” para produzir. E, nesse momento de concentração, surge uma cena totalmente inusitada, “mágica”, nova, “rica”, que poderia servir como objeto de inspiração para o labor poético. Porém, mesmo com todo o seu glamour e beleza, a cena não o toca, não desperta nele interesse, como despertou no povo. Só depois de todo alarido do povo ter cessado, só depois de tudo haver serenado, é que o poeta viu que o sol havia entrado por sua sala. Refletindo sobre essa imagem e sobre possíveis interpretações para ela, pensamos que poderia simbolizar o momento da inspiração, da “chegada” da poesia. O momento ideal para o poeta não foi a chegada do rei em seu carro de ouro, por mais grandioso que possa ser, mas, sim, quando o clima serenou e ele pôde ver que o sol entrou por sua sala. Ou seja, o sol poderia simbolizar, como dissemos, a poesia. É como se a lição que o poeta quisesse passar com seu texto fosse a que a literatura não se encontra nas coisas grandiosas, ricas, inusitadas, mas, sim, no sol que entra na sala, nas coisas simples da vida (o que é defendido pelo Modernismo).

Por sua vez, o tom de denúncia social pode ser visto no poema “Canção do proletário dos morros”:

Canção do proletário dos morros

A chuva caiu sôbre a cidade.

A chuva que caiu sôbre a cidade
também caiu pelos morros proletários.
A chuva que caiu pela cidade
rolou dos canteiros floridos das casas bonitas,
pelas ruas asfaltadas, por entre árvores altas,
e as flores desfeitas.

A chuva que caiu sôbre os morros
também caiu pela cidade.

A chuva que caiu sôbre os morros
rolou por entre casas de proletários,
desceu correndo pelos barrancos

e trouxe para as suas casas bonitas e árvores altas
o barro vermelho
como sangue de uma veia partida...

E, então, das ruas úmidas,
subiu para os morros altos,
o calor do [canto]¹⁰ agonisante de um pássaro...

Achilles Vivacqua¹¹

No poema acima, não encontramos regularidade nas rimas e na métrica, o que, como sabemos, corresponde a uma das propostas do movimento modernista. A temática trabalhada pelo poeta em seu texto, também dentro da proposta modernista, consiste em uma realidade que antes não era vista como matéria de poesia. Há no poema a apresentação de um cenário marginal, esquecido por todos. Portanto, aqui, Achilles Vivacqua expõe o seu lado engajado, o seu “gritante engajamento social”¹², a sua face de denúncia social, exercendo, via escrita, segundo Nathanaïdis (2008, p. 22), “o exercício de uma cidadania mais justa, concedendo às alteridades um ‘lugar’ no mundo” (prática também, como sabemos, de outros autores que adotaram os ideais modernistas).

Em seu poema, Achilles mostra o contraste entre duas realidades, dois espaços, que sofreram, ambos, a mesma ação, a chuva, e mostra o resultado final, a consequência desse fenômeno nos dois “mundos” abordados. O título, “Canção do proletário dos morros”, deve-se, talvez, à estrutura do poema, em formato de cantiga de roda, na qual o refrão consiste em certas frases que são repetidas: “A chuva que caiu sobre a cidade”, “A chuva que caiu sobre os morros”. Pensamos nessa ideia da canção, também, como sendo uma “música” da nossa sociedade que é constantemente esquecida, e que o poeta assume, por meio de sua literatura, a missão de tocá-la e de lembrá-la, como forma de denúncia.

Voltando a pensar sobre o divisor de águas presente no poema aqui analisado, há, em certa altura do texto, uma troca de resultados: primeiramente, o poeta retrata a chuva

¹⁰ O poema em questão não chegou a ser publicado. A pesquisa foi realizada usando o próprio manuscrito encontrado nos fundos de Achilles Vivacqua. Por conta da idade do documento, o vocábulo realçado entre colchetes não apresenta total nitidez (um pouco apagado, algumas letras mais do que outras). Após várias análises e tentativas de decifrações, chegamos ao vocábulo “canto”, compondo a ideia apresentada do pássaro; o canto agonisante de um pássaro. É importante frisar que tal fato não prejudica a ideia apresentada no texto literário.

¹¹ AEM-UFGM, Coleção Especial Achilles Vivacqua, Série Produção Intelectual do Titular.

¹² Expressão usada por Andressa Nathanaïdis em sua obra *Última oferenda a ti*.

que caiu sobre a cidade e que também caiu pelos morros proletários; depois, mostra a chuva que caiu sobre os morros e que também caiu pela cidade. Há, portanto, um intercâmbio entre esses dois espaços, no qual um influencia o outro: “A chuva que caiu sôbre a cidade/ também caiu pelos morros proletários” e “A chuva que caiu sôbre os morros/ também caiu pela cidade”. É como se o poeta intentasse, via literatura, lembrar que, em uma sociedade, apesar da desigualdade gritante que faz com que duas realidades sejam criadas, uma influencia a outra, devido ao convívio social.

Retomando afirmação já feita, Achilles, em seu poema, mostra um fenômeno natural, a chuva, agindo em dois espaços distintos: a cidade e os morros proletários. No primeiro, a chuva que caiu sobre a cidade “rolou dos canteiros floridos das casas bonitas,/ pelas ruas asfaltadas, por entre árvores altas,/ e as flores desfeitas”, e no segundo, a chuva que caiu sobre os morros “rolou por entre casas de proletários,/ desceu correndo pelos barrancos/ e trouxe para as suas casas bonitas e árvores altas/ o barro vermelho/ como o sangue de uma veia partida...”. Pensando sobre o que poderia simbolizar o “barro vermelho” evocado pelo poeta, aventamos a hipótese de ele representar a pobreza, a desigualdade social, o sofrimento dos que são esquecidos, marginalizados. E esse “barro vermelho” chega às “casas bonitas e árvores altas” e é comparado pelo poeta ao “sangue de uma veia partida”, o que nos levou à interpretação que mostramos anteriormente, de ele representar a dura realidade da nossa sociedade, dos “morros”, das mazelas sociais que “mancham” a nossa cidade.

Por fim, na última estrofe do poema, Achilles cria a imagem do momento pós-chuva, que seria o momento em que a chuva cessa e os seus resultados são vistos. Diz que, das ruas úmidas, “subiu para os morros altos,/ o calor do [canto?] agonizante de um pássaro...”. Pensando sobre as possíveis interpretações para essa imagem criada pelo poeta, chegamos à hipótese de, por meio dela, Achilles querer mostrar o resultado final da chuva nos dois espaços. No primeiro, de ruas asfaltadas, casas bonitas, canteiros floridos (espaço privilegiado), após a chuva, o que fica são as ruas úmidas. Por sua vez, no segundo, nos “morros altos”, nas “casas de proletários”, nos “barrancos”, fica o calor que sobe (“para os morros altos”) “do [canto?] agonizante de um pássaro”, ou seja, a tristeza, a dor, o sofrimento; é como se não houvesse uma maneira de algo positivo ou “inocente”, “puro”, não ameaçador e perturbador, chegar àquele espaço.

Considerações finais

A título de conclusão desse presente ensaio, o que podemos perceber ao mergulhar no “mundo” de Achilles Vivacqua é que, devido a sua morte prematura causada pela “doença do peito”, o escritor não é muito conhecido atualmente e sua produção é praticamente desconhecida no mundo da pesquisa literária; que o mesmo desfrutou de uma vida literária bem ativa, apesar de sua doença e debilidade física, e que essa trajetória, apesar de breve, produziu textos dentro dos moldes da escola modernista e com tons e temas diversos. Contribuiu, inegavelmente, para o enriquecimento da nossa literatura.

A família Vivacqua, o Salão Vivacqua, acolheu pensamentos de vanguarda (o borbulhar do que viria a ser o movimento modernista mineiro) em seus salões. Achilles, em sua época, filiou-se muito bem ao grupo dos jovens escritores dos anos 20 que, tomados por forte espírito literário e vontade de criação/ inovação, almejavam um “lugar ao sol” no cenário literário. Por meio de sua literatura marcadamente versátil; já que não se prendeu a um único estilo, pois escreveu ficção, crônicas, resenhas, ensaios, crítica de moda, o escritor refletia traços de uma época e de um povo, já que, em sua concepção, a escrita literária era “a característica de um povo. Ou melhor, o glorioso espírito de um povo na sua mais nobre expressão” (trecho retirado de entrevista com o escritor, publicada no jornal *Diário da Manhã*, de 21 de fevereiro de 1929).

Achilles Vivacqua, por meio de seu olhar atento, apaixonado, dolorido, sereno, enxergava o mundo ao seu redor, e, à sua maneira, transmitia, por meio de seus versos e prosa, a realidade assimilada. Como disse o crítico Francisco Aurélio, na ocasião da defesa de minha dissertação, Achilles Vivacqua, comparado a Ribeiro Couto (1898-1963), poeta paulista criador do Penumbriismo, derivação do Simbolismo caracterizada pela suavidade e pelos meios-tons, ao lado de Manuel Bandeira, é um legítimo divulgador das estéticas pré-modernistas em Minas Gerais. Com eles, segundo o crítico, a poesia se humaniza, desce às coisas simples, com tristeza, simpatia e ausência de pompa. Os seus poemas de *Serenidade* são um canto a sua cidade, Belo Horizonte, ao sentimento e à linguagem modernista. A recepção à obra e o efeito provocado pelas resenhas produzidas na época comprovam isso.

Não podemos deixar de reforçar também, mais uma vez, a importância de uma pesquisa baseada em arquivos, ou seja, em fontes primárias. Trata-se de um terreno muito fértil, que pode proporcionar grandes descobertas e releituras.

Acrescentando reflexões sobre o tema, (CURY, 1995, p. 53) afirma que a perspectiva histórica da descrição arqueológica representa também uma nova postura, um novo olhar diante dos textos e das fontes documentais. Abarca a proposta de tomá-lo, no lugar de um simples “documento” a ser interpretado para uma reconstituição do passado, como “monumento”, preservando, dessa maneira, sua “complexidade e autonomia”. Para a pesquisadora, “o próprio tecido documental é espaço de apresentação de unidades, conjuntos, relações, séries” (p. 53). Ainda na visão de Cury, por meio dos “rastros” produzidos pelo artista no momento do seu processo de produção em seus rascunhos, anotações, correspondências, em suas rasuras, o pesquisador crítico que faz uso desses materiais como fontes de pesquisa também deixa, no processo de pesquisa, suas marcas, seus vestígios, seus “rastros”. No sentido poético, a etimologia da palavra “leitura” nos leva a “seguir os passos de alguém” – no nosso caso, do escritor Achilles Vivacqua.

A título de fechamento, escolhemos a seguinte reflexão da autora, já mencionada acima, sobre arquivo: “[..] Aquilo que se arquiva pode oferecer-se, por tudo isso, como espaço de terra onde germina constantemente e na sua diferenciação os textos, a tradição de suas leituras e a história” (CURY, 1995, p. 53-62).

Referências bibliográficas:

ANDRADE, C. D. de. *Esquecer para lembrar: Boitempo III*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

BUENO, A. S. *O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: PROED. Imprensa – UFMG, 1982. 204 p. (Dissertações e teses).

COELHO, H. R. A biblioteca de Darcy Ribeiro, “espaço biográfico” e a interlocução latino-americana. *ALETRIA: Revista de Estudo de Literatura*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, 2010. p. 69-79.

CURY, M. Z. F. Acervos: gênese de uma nova crítica, In: MIRANDA, W. M. de (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995. p. 53-62.

CURY, M. Z. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. v. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 232 p.

MARQUES, R. O arquivamento do escritor. In: MIRANDA, W. M. de; SOUZA, E. M. de (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MIRANDA, W. M. de (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Centro de Estudos Literários, 1995.

NATHANAILIDIS, A. *Última oferenda: Achilles Vivacqua – vida e obra*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras; Formar; Secretaria Municipal de Cultura, 2008.

NAVA, P. *Beira-mar: memórias*. São Paulo: Ateliê Editorial/ Giordano, 2003.

VIVACQUA, A. *Serenidade* (poemas). Belo Horizonte: edição própria do autor, 1928.

VIVACQUA, E. *Salão Vivacqua: lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1997. 114p. (Coleção Centenário).

Locais pesquisados:

Acervo de Escritores Mineiros da UFMG (Coleção Especial Achilles Vivacqua; constituída por documentos, fotografias, objetos e escritos inéditos do escritor).

Biblioteca Universitária da Faculdade de Letras da UFMG.

Biblioteca Universitária da PUC Minas.

Biblioteca Central da UFMG

Periódicos consultados:

Revista de Antropofagia. (fac-simile) São Paulo, 1928-1929.

Suplemento *leite crioulo*. Belo Horizonte, 1929.

Verde. (fac-simile) Cataguases, 1927-1929.

Nota:

Comunicação apresentada no II DIVERMINAS- Encontro Sobre a Diversidade Linguística de Minas Gerais – ICHS – Mariana- MG – realizado no período de 22 a 24 de setembro de 2015.